

Editorial

Percorro, sem roteiro prévio, este novo número de Mnemosine. E percebo que as plagas da Deusa da Memória (bem como as de Clio, uma de suas tantas filhas com Zeus) se vêem tomadas por um incessante burburinho: são vozes de feirantes, pescadores, marisqueiras; torcedores, migrantes nordestinos, loucos, estudantes; são vozes do mundo comum, de suas artes e suas táticas – “maneiras de caça não autorizadas”, diria Michel de Certeau.

Ao mesmo tempo, discursos e práticas *psi* tentam alcançá-las, sempre em (desejável) atraso. Buscam enquadrá-las em modos de governo e, com isso, forjar “O” lugar próprio, a transcendência, a estratégia – teórica, epistemológica, tecnológica, metodológica, institucional... – definitivamente vencedora

Fracassam.

Em parte, talvez, porque também em seu seio habitam os que não apreciam aqueles mapas coloridos da infância em que as fronteiras deviam ser demarcadas em tons bastante fortes, a separar isso daquilo.

Em parte, decerto, porque a liberdade se mostra intransigente e, no entre nós, habita a criação: como dizia nosso biografado, não há espectadores e atores, mas sempre *espect-atores*.

O leitor saberá a quem se conectar.

De nossa parte, as amigadas – equipe da revista, autores, pareceristas – fazem valer a pena o insistir, realisticamente, no.... impossível ?

Boa leitura, até a próxima.

Heliana de Barros Conde Rodrigues